

LUISA PARAGUAI
MILTON SOGABE
PAULA ALMOZARA
REGILENE SARZI RIBEIRO (ORGS.)

PRÁTICAS E CONFRONTAÇÕES

ANAIS DO 27º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS, MÍDIA E ARTE / PPG
LIMIAR
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS / PUC CAMPINAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES / PPG ARTES
INSTITUTO DE ARTES
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO / UNESP
SÃO PAULO, 2018

FICHA CATALOGRÁFICA

E56a Encontro Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas (27 .: 2018 : São Paulo, SP).

Anais do XXVII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas / organização: Luisa Angélica Paraguai Donati, Milton Terumitsu Sogabe, Paula Cristina Somenzari Almozara, Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro. - São Paulo : Unesp, Instituto de Artes, 2019.

3910 p. : il.

ISSN: 2175-8212

1. Arte e educação. 2. Arte - Estudo e ensino. 3. Arte - História. 4. Crítica de arte. 5. Curadoria. 6. Arte - Conservação e restauração. I. Paraguai, Luisa. II. Sogabe, Milton Terumitsu . III. Almozara, Paula Cristina Somenzari. IV. Ribeiro, Regilene Aparecida Sarzi. V. Título.

CDD 701

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP

**“...QUE SORTE TIVE POR, GRAÇAS À SUA AJUDA, CONSEGUIR IMIGRAR
PARA O BRASIL JUSTO ANTES DO FECHAMENTO DOS PORTÕES”:
MAX HORKHEIMER, FRIEDRICH POLLOCK E O EXÍLIO DE HANNA LEVY
NO BRASIL**

Daniela Pinheiro Machado Kern / UFRGS

RESUMO

O presente artigo apresenta e analisa a correspondência trocada por Hanna Levy, historiadora da arte que sempre procurou conciliar a abordagem sociológica da obra com sua análise formal, com Max Horkheimer e Friedrich Pollock entre 1936 e 1938. Nessa correspondência, que lança luz sobre a atuação dos membros da Escola de Frankfurt no auxílio a intelectuais judeus exilados, é elucidado o modo como Hanna Levy consegue se transferir para o Brasil às vésperas da II Guerra Mundial, episódio até então pouco compreendido.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia da arte; arte e exílio; Escola de Frankfurt.

ABSTRACT

This article presents and analyzes the correspondence exchanged by Hanna Levy, an art historian who Always sought to reconcile the sociological approach of the art work with its formal investigation, with Max Horkheimer and Friedrich Pollock between 1936 and 1938. In this correspondence, which sheds light on the work of members of the Frankfurt School in assisting exiled Jewish intellectuals, it is elucidated how Hanna Levy is able to transfer to Brazil on the eve of World War II, an episode hitherto little understood.

KEYWORDS: Sociology of art; art and exile; Frankfurt School.

Em A Propósito de Três Teorias sobre o Barroco (1941), um de seus artigos mais famosos no Brasil, Hanna Levy argumenta que tanto Heinrich Wölfflin (1864-1945) quanto Max Dvořák (1874-1921) não levam suficientemente em consideração, em suas teorias da história da arte, as influências do contexto histórico. Para fundamentar sua posição irá citar uma extensa passagem tirada do artigo The Social Function of Philosophy Studies, de Max Horkheimer, em que ele apresenta vários exemplos de conflito entre filósofos e cientistas e as respectivas sociedades em que viviam.¹

No mesmo artigo Hanna Levy cita ainda o historiador da arte Leo Balet (1878-1965), marxista. Esses autores, mais do que referências acadêmicas, fizeram parte da vida de Hanna Levy de diferentes modos.² Pretendo aqui recuperar um destes laços, que por muito tempo permaneceu desconhecido: o papel crucial desempenhado por Max Horkheimer (1895-1973), e também por seu amigo e colega no *Institut für Sozialforschung*, Friedrich Pollock (1894-1970), no processo de exílio de Hanna Levy no Brasil.

Hanna Levy, como veremos mais detalhadamente adiante, se muda para o Brasil em 1937, mas já em 1936 começa a buscar alternativas para deixar a França, logo após defender sua tese sobre os *Kunstgeschichtliche Grundbegriffe* de Wölfflin³ na Sorbonne. Ela fazia parte da leva de alemães que chegou a Paris a partir de 1933 e a hostilidade contra eles crescia dia a dia. Contra eles irá pesar, entre outras, a acusação de serem “proletários predadores” (MARRUS; PAXTON, 1995, p. 37) e de tirarem empregos que deveriam ser destinados à população francesa.⁴ O fato de em 4 de junho de 1936 Léon Blum, judeu e socialista, partidário da Frente Popular, assumir como primeiro ministro da França, ao invés de diminuir essa reação negativa aos judeus refugiados do nazismo, parece reforçá-la. Hanna Levy, já doutora, com o futuro profissional ainda indefinido, assiste em Paris à escalada da tensão política. Entre 17 e 18 de novembro de 1936, o Ministro do Interior da Frente Popular, Roger Salengro, atacado pela extrema-direita francesa com uma campanha difamadora, comete suicídio. Poucos dias depois, em 28 de novembro de 1936, Hanna Levy envia uma cópia de sua tese a Max Horkheimer, junto com esta breve carta:

KERN, Daniela Pinheiro Machado. “...Que sorte tive por, graças à sua ajuda, conseguir imigrar para o Brasil justo antes do fechamento dos portões”: Max Horkheimer, Friedrich Pollock e o exílio de Hanna Levy no Brasil”, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.588-602.

Caro Professor!

Com a mesma correspondência, permita-me enviar-lhe um exemplar de minha tese de doutorado sobre Heinrich Wölfflin e seus antecessores. Como você verá, eu me inspirei em seus artigos no *Zeitschrift für Sozialforschung*; peço-lhe que aceite meu trabalho como expressão de gratidão.⁵

Pela carta podemos perceber que se trata, antes de mais nada, de uma gentileza acadêmica o envio de cópia da tese, e que não há maior intimidade entre Hanna Levy e Horkheimer. Não é possível inferir, tomando por base apenas essa carta, se já haviam se comunicado anteriormente. Max Raphael, muito próximo de Hanna Levy durante boa parte de sua estadia em Paris, conhecia Horkheimer desde antes de 1934, e um conjunto de cartas trocadas entre eles entre 1934 e 1941 (HEINRICHS, 1989, p. 413-423) mostra que Max Raphael costumava escrever-lhe para noticiar novos livros que estivesse redigindo ou publicando. Hanna Levy adotou aqui procedimento semelhante. Poucos dias depois recebe a resposta de Horkheimer, enviada de Nova York em 1 de dezembro de 1936,⁶ em que ele agradece e elogia a tese, apesar de ainda não ter tido tempo de lê-la por inteiro. No final da carta faz uma pergunta a Hanna Levy que vai além da mera polidez, pois ele estava ciente das dificuldades enfrentadas pelos judeus,⁷ ainda mais no que dizia respeito a perspectivas de trabalho no meio acadêmico: “O Doutorado tem benefícios práticos para você? Gostaria de ouvi-la sobre seus planos científicos futuros.” Em 29 de dezembro Hanna Levy escreve a resposta,⁸ em que conta brevemente seus planos: como precisa dar ao mesmo tempo continuidade a sua atividade intelectual e garantir sua subsistência, planeja se mudar para Nova York, e pede autorização para visitar Horkheimer, que já havia transferido para lá o *Institut für Sozialforschung* (Institute of Social Research) em 1934. Sempre gentil e sucinto, Horkheimer, em sua resposta de 11 de janeiro de 1937,⁹ informa que Hanna Levy poderia visitá-lo em New York e que espera vê-la em breve. O que poderia se resumir a uma polida troca de gentilezas acadêmicas adquire nova dimensão na carta que Hanna Levy envia a Horkheimer em 10 de janeiro de 1937.¹⁰ Bastante preocupada, Hanna Levy relata que o consulado americano acabara de lhe negar o visto:

KERN, Daniela Pinheiro Machado. “...Que sorte tive por, graças à sua ajuda, conseguir imigrar para o Brasil justo antes do fechamento dos portões”: Max Horkheimer, Friedrich Pollock e o exílio de Hanna Levy no Brasil”, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.588-602.

O consul americano – apesar das significativas garantias materiais por parte de um americano – antontem rejeitou a emissão de meu visto e me informou que um provável meio para imigrar seria o chamado por parte de um instituto científico americano. Não sei como poderia conseguir um tal chamado.

Hanna Levy está preocupada com a sua subsistência e deseja continuar sua carreira científica, mas não vê como fazer isso na França:

Como já havia lhe escrito, para mim se trata antes de tudo de criar uma base material para minha vida futura; acima de tudo, gostaria de continuar o meu trabalho científico recentemente iniciado. Você provavelmente conhece bem as condições locais para saber que isso é impossível na França.

Depois de deixar claro que, sob as atuais circunstâncias, não há chance de garantir seu futuro acadêmico na França, amparada pelo interesse por seu destino que Horkheimer havia demonstrado em carta anterior, toma a liberdade de pedir-lhe um conselho, pois não sabe o que fazer. A resposta de Horkheimer é redigida em 28 de janeiro,¹¹ e nela já fica evidente a sua disposição em ajudá-la a sair da França. O que ele lhe propõe é que, na segunda quinzena de março, se reúna com seu amigo de total confiança e colega de trabalho Friedrich Pollock,¹² em Paris, para que possam avaliar que tipo de ajuda poderão lhe prestar.

Quando Hanna Levy torna a escrever a Horkheimer,¹³ em 16 de abril, ela já havia passado duas manhãs inteiras conversando com Pollock, que lhe apresentou um plano que poderia resolver seu futuro. Hanna Levy agradece muito a confiança nela depositada:

Por enquanto, já que sou incapaz de expressar minha gratidão a não ser por palavras, gostaria de me permitir lhe repetir o que já disse ao Sr. Doutor Pollock: tenha certeza de que farei tudo o que puder para ganhar e justificar a confiança que você e o Sr. Doutor Pollock depositam em mim.

Uma vez que a mudança para Nova York estava agora completamente descartada, a alternativa viável era o exílio no Brasil. No entanto, na mesma

KERN, Daniela Pinheiro Machado. "...Que sorte tive por, graças à sua ajuda, conseguir imigrar para o Brasil justo antes do fechamento dos portões": Max Horkheimer, Friedrich Pollock e o exílio de Hanna Levy no Brasil", In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.588-602.

época em que essa hipótese estava sendo aventada, o governo brasileiro discutia secretamente medidas duras a serem tomadas a respeito da imigração judaica. Dulphe Pinheiro Machado, Diretor Geral do Departamento Nacional do Povoamento, em 22 de abril de 1937 critica o atual sistema que permite o ingresso de judeus no país, mediante o recurso a “cartas de chamada”, documentos processados pelas autoridades policiais brasileiras, acompanhados por justificativas de parentes residentes no Brasil ou empresas. Para Pinheiro Machado, o problema das “cartas de chamada” é que os estrangeiros através delas não entram no país como imigrantes, o que impede a fiscalização do governo. Para evitar isso, Dulphe Pinheiro Machado recomenda que “as autoridades consulares recusem o visto a tais ‘elementos indesejáveis ou parasitários’” (PINHEIRO MACHADO, 1937).¹⁴ Poucos dias antes, em 19 de abril de 1937, o Consulado brasileiro de Varsóvia envia a Mario de Pimentel Brandão, Ministro das Relações Exteriores, o ofício n. 30, contendo fotografias de guetos judaicos da cidade. Os judeus na Polônia são apresentados como um problema social e higiênico, e o autor do ofício pede ao ministro brasileiro que adote “providências que façam cessar o fluxo hebraico desencadeado sobre o Brasil, enxertado capiciosamente na corrente migratória que lhe dirige a Polônia” (Ofício n. 30, 1937, p. 1). Havia ainda um comércio ilegal de cartas de chamada, que eram obtidas indevidamente por agências especializadas em imigração, graças à conivência de parte das autoridades do Rio de Janeiro, mediante pagamento de propina. O documento elenca, entre outros graves problemas que o Brasil enfrentaria caso não passasse a controlar a entrada de judeus no país, a difusão do comunismo, então fortemente associada no imaginário brasileiro às comunidades judaicas (Ofício n. 30, 1937, p. 2).

Sem ter ideia de que estava ocorrendo tal endurecimento das regras de entrada para imigrantes judeus no Brasil, Hanna Levy prossegue o planejamento de seu processo de imigração com o auxílio de Horkheimer e, agora, também de Pollock. É para Pollock que, a partir de maio de 1937, ela envia as cartas mais detalhadas, sempre tomando o cuidado de encaminhar, para Horkheimer, uma versão resumida do que está sendo discutido. Na carta que envia a Pollock em 21 de maio,¹⁵ Hanna lhe pede ajuda nos trâmites de

KERN, Daniela Pinheiro Machado. “...Que sorte tive por, graças à sua ajuda, conseguir imigrar para o Brasil justo antes do fechamento dos portões”: Max Horkheimer, Friedrich Pollock e o exílio de Hanna Levy no Brasil”, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.588-602.

seu processo de imigração para o Brasil. Está bastante tensa com todo o processo:

Perdoe-me se essa carta não for muito curta, mas é difícil escrever de modo completamente factual e sóbrio com a consciência de que sua graciosa resposta a ela decidirá meu futuro.

Descarta, pelas dificuldades inerentes, obter uma *Rufpassage* para o Brasil. A saída é um visto de capitalista, que demandaria um grande depósito em seu nome em um banco brasileiro, no valor de pelo menos 36 mil reis (36 contos equivalia então a 42000 FF). Depois de reclamar da desinformação do consulado brasileiro em Paris, informa que seus pais vão pagar a *Fahkarte* para a viagem de navio e ajudá-la dentro do possível, mas que não tem o dinheiro necessário para a caução que deve ser depositada no banco brasileiro. Não lhe restando nenhum outro meio de obter valor tão alto, pede a soma emprestada a Pollock e Horkheimer, assegurando que irá reembolsá-los dentro de um prazo a ser fixado. Sabe que pede muito, mas conta com a simpatia que pode observar em Pollock no encontro em Paris. Também em 21 de maio Hanna Levy envia, junto com a cópia da carta para Pollock, uma mensagem para Horkheimer, justificando seu pedido de auxílio financeiro para o processo de imigração pelo interesse que ele já havia manifestado por seu futuro.¹⁶

Hanna Levy retorna ao consulado brasileiro em Paris, onde é informada de que, além de obter o visto de capitalista, não bastaria apresentar ao consulado a confirmação de um banco brasileiro do depósito de 36 contos em seu nome. Precisaria ainda de um cheque nominal em duplicata. Com isso, conseguiria o visto imediatamente. Diante dessa nova informação, envia em 25 de maio carta suplementar tanto a Pollock¹⁷ quanto a Horkheimer¹⁸ solicitando esse cheque, e prometendo não tocar no dinheiro. Na carta para Horkheimer, de novo deixa evidente a sua ansiedade com todas essas incertezas do processo de imigração: “Mas você certamente entenderá que, do jeito que as coisas estão, todo dia de espera, esperança ou ação é importante para mim”.

No Brasil, depois de meses de discussão sobre as medidas a tomar com relação à imigração judaica, em 7 de junho de 1937 é emitida pelo governo

KERN, Daniela Pinheiro Machado. “...Que sorte tive por, graças à sua ajuda, conseguir imigrar para o Brasil justo antes do fechamento dos portões”: Max Horkheimer, Friedrich Pollock e o exílio de Hanna Levy no Brasil”, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.588-602.

brasileiro a Circular secreta n. 1127, que regula a entrada de estrangeiros no território nacional. Tal documento, enviado aos consulados brasileiros, determina que será recusado o visto no passaporte a todos os judeus (Circular Secreta n. 1127 1937, p. 3). Exceção poderia ser feita a judeus de “notória expressão cultural, política ou social, assim como em relação a artistas [...] contratados para se exibirem no Brasil” (Circular Secreta n. 1127 1937, p. 4). Mesmo nestes casos, no entanto, o visto seria apenas temporário. A Circular determina que esses procedimentos não devem ser tornados públicos, que a questão étnica não deve ser mencionada, e que as concessões de vistos para judeus precisam ser proteladas “por longo tempo, e até *sine die*” (Circular Secreta n. 1127 1937, p. 5).

A próxima carta de Hanna Levy a Pollock data de 19 de junho,¹⁹ e nela agradece a proposta que, através dele, Horkheimer fizera de lhe emprestar dinheiro suficiente para uma passagem aérea pré-paga (*Rufpassage*), hipótese que Hanna já havia descartado por ser muito cara, de 2 a 5 contos. Seu grande motivo de preocupação agora é a validade de seu passaporte alemão: “No outono meu passaporte alemão irá expirar, e uma vez tive de esperar um ano inteiro para sua prorrogação.” Hanna Levy quer combinar um prazo para devolver-lhes todo esse dinheiro. Havia pedido inicialmente apenas o dinheiro para o visto capitalista porque poderia devolvê-lo imediatamente após sua chegada ao Brasil. Fritz Deinhard (1881-1956), companheiro de Hanna, é apresentado nessa carta, pois já está no Brasil, em São Paulo, e será ele, pessoa de confiança, que irá verificar a questão da compra da passagem de avião pré-paga junto à Air France. Logo, o dinheiro para isso deve ser enviado a ele. Garante a confiabilidade de Deinhard, pois sobre isso lhe havia perguntado Pollock, que visitou Hanna junto com Brill.²⁰ Hanna também fala sobre seu atual trabalho em Paris, que não lhe deixa tempo para a pesquisa:

Devo a você se, em um futuro próximo, puder retomar meu trabalho de tal maneira que possa esperar realmente fazer disso a base de minha existência material. No momento, como minha vida aqui se tornou cada vez mais difícil, aceitei um trabalho de escritório que não me deixa muito tempo para meu trabalho científico (apesar da semana de quarenta horas). No entanto, com a sua ajuda, a visão opressiva, que poderia se

KERN, Daniela Pinheiro Machado. “...Que sorte tive por, graças à sua ajuda, conseguir imigrar para o Brasil justo antes do fechamento dos portões”: Max Horkheimer, Friedrich Pollock e o exílio de Hanna Levy no Brasil”, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.588-602.

tornar um estado permanente, se devanece, e acho que vou recuperar o tempo perdido rapidamente.

Na breve mensagem que escreve para Horkheimer, nessa mesma data,²¹ mais uma vez expressa profundo agradecimento pela atenção e ajuda que vem recebendo dele:

Me toca profundamente que você não apenas me dê sua generosa ajuda material, mas também lide tão minuciosamente com todos os detalhes relativos à questão do meu futuro.

Em nome de Horkheimer, Pollock escreve a Hanna Levy em 29 de junho de 1937,²² e afirma que ambos estão felizes em poder ajudá-la com a soma necessária, que será transferida para o endereço de Deinhard no Brasil tão logo sejam informados do valor exato. Horkheimer também manda dizer que Hanna não precisa ficar preocupada com os prazos de devolução do dinheiro emprestado, pois sabem que o fará tão logo seja possível. Em 12 de julho Hanna Levy responde, agradecendo de novo a confiança nela depositada.²³ Ela tem esperança de que agora seja possível garantir a imigração para o Brasil:

Como essa quantia coincide com a quantia que você definiu, posso provavelmente nutrir a bela esperança de que, graças à sua ajuda, o Sr. D. possa agora talvez já dar os primeiros passos para obter uma Chamada para mim.

Como de hábito, Hanna escreve também, no mesmo dia, a Horkheimer,²⁴ e nessa que seria a última carta dirigida a ele antes de sua partida para o Brasil, expressa de modo mais intenso seu enorme agradecimento pela ajuda que está recebendo:

É verdade que não posso fazer nada além de me repetir em minhas últimas cartas a você e ao doutor Pollock, quando expressei minha mais calorosa gratidão pela ajuda que você está me dando. Mas uma vez que não posso lhe agradecer o bastante, você não me culpará se volto a você hoje novamente para mostrar-lhe mais uma vez para você novamente para agradecer, de todo o coração, a confiança em mim depositada

e a ajuda material. Todo o meu esforço consiste em provar que sou digna dessa confiança. Receba com este seguro a expressão da minha maior reverência e melhores cumprimentos.

Hanna Levy obteve sua “carta de chamada” depois de já vigorar o determinado pela circular secreta emitida pelo governo brasileiro, que proibia a concessão de vistos para passageiros judeus. Um dos motivos para ela ter tido sucesso na obtenção é o fato, reconhecido pelo próprio governo brasileiro, de algumas embaixadas do Brasil no exterior terem se recusado, na prática, a cumprir o que determinava a circular.²⁵ Para sorte de Hanna Levy, o embaixador do Brasil na França em 1937 era Luís Martins de Sousa Dantas (1876-1954), que iria resistir heroicamente à decisão do governo brasileiro de proibir a entrada de judeus no Brasil.²⁶

Sabemos que em agosto de 1937 ela participou, em Paris, do Deuxième Congrès International d’Esthétique et de Science de l’art, apresentando a comunicação “Sur la nécessité d’une sociologie de l’art” (cf. LEVY, 1937b). Em setembro, enfim, ela imigra para o Brasil, desembarcando do vapor Siqueira Campos no Rio de Janeiro no dia 17, e o sucesso da viagem é comemorado por Pollock, que escreve, em um telegrama a Horkheimer, o seguinte: “Hanna Levy felizmente chegou”.²⁷

Não era exatamente uma recepção calorosa a que podiam esperar Hanna Levy e tantos outros judeus que conseguiram escapar do nazismo através do exílio no Brasil. Como se pode constatar a partir dos documentos já citados, o Estado brasileiro adotava então uma política claramente antissemita. A isso se soma o fato de que em 1942 o Brasil, antes simpático aos países do Eixo, acaba por se posicionar ao lado dos Aliados, adotando uma política de repressão aos imigrantes alemães e italianos. Paul Rosenstein, um desses exilados, judeu e alemão, relata como era o dia-a-dia dos que passavam a viver no país nesse período:

Durante a guerra, não havia vontade de viver como alemão no Brasil. Mesmo como vítima do regime nacional-socialista, você era suspeito. Você não tinha permissão para falar alemão em diferentes estados, não tinha permissão para vender nada de

KERN, Daniela Pinheiro Machado. “...Que sorte tive por, graças à sua ajuda, conseguir imigrar para o Brasil justo antes do fechamento dos portões”: Max Horkheimer, Friedrich Pollock e o exílio de Hanna Levy no Brasil”, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.588-602.

suas coisas - o que muitas vezes era necessário para a existência - e não tinha permissão para tirar fotos (CARNEIRO; STRAUSS, 1996, p. 29).²⁸

Strauss, após apresentar vários relatos como esse, constata: “Não chega a surpreender, portanto, que para alguns imigrantes o Brasil não era o paraíso, e sim uma ‘pátria forçada’” (CARNEIRO; STRAUSS, 1996, p. 21). Essa não vai ser, por outro lado, a impressão que Hanna passará a Pollock sobre o começo de sua experiência brasileira na longa carta que lhe envia do Rio de Janeiro em 8 de setembro de 1938:²⁹

Mas mesmo sem considerar qualquer plano para o futuro que pareça ser possível projetar, tenho a sorte de poder dizer que o resultado da minha permanência de quase um ano no Brasil é definitivamente positivo.

Nessa carta, a pedido de Pollock, Hanna fala um pouco sobre sua rotina no Brasil: tem trabalhado bastante, assim como seu companheiro, Fritz Deinhard, mas agora sobra tempo para se dedicar ao estudo e à pesquisa. Também tem conseguido juntar dinheiro para pagar o que deve a Horkheimer e Pollock, e garante que quitará a dívida tão logo obtenha um cargo fixo (pensa em trabalhar em uma universidade, biblioteca ou museu). Hanna não menciona diretamente na carta que já está lecionando história da arte para os funcionários do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), criado em novembro de 1937,³⁰ logo depois de sua chegada ao Brasil. Comentaré, por outro lado, a oportunidade de viajar a Minas Gerais para conhecer a obra de Aleijadinho:

[...] me deram uma carona para o estado de Minas Gerais para me dar a oportunidade de trabalhar nas obras de um “velho” artista brasileiro (1730-1814).

Hanna também demonstra surpresa com a riqueza da coleção de gravuras que encontra na Biblioteca Nacional, em boa parte trazida com a mudança da corte real portuguesa para o Brasil em 1808, e vislumbra nesse acervo possibilidades de pesquisas futuras.³¹ Hanna Levy menciona, enfim, as tristes

KERN, Daniela Pinheiro Machado. “...Que sorte tive por, graças à sua ajuda, conseguir imigrar para o Brasil justo antes do fechamento dos portões”: Max Horkheimer, Friedrich Pollock e o exílio de Hanna Levy no Brasil”, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.588-602.

notícias que lhe chegam da Europa, em que a situação está cada vez mais difícil, e reconhece, mais uma vez, a sorte que teve por ter podido encontrar refúgio no Brasil:

Mas não é preciso essa notícia primeiro para me fazer perceber que sorte tive por, graças à sua ajuda, conseguir imigrar para o Brasil justo antes do fechamento dos portões (no que dia respeito aos imigrantes judeus daqui).

Sem dúvida Hanna Levy, por uma combinação de esforço e sorte, escapou por pouco dos horrores da Guerra. Menos de três anos após esta última carta, em 6 de janeiro de 1941, com a emissão da Circular n. 1498, assinada pelo Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, também o Brasil haveria de fechar as portas a novos imigrantes judeus, ao proibir, agora oficialmente, que recebessem vistos temporários ou permanentes.

Notas

¹ Em sua tese de doutorado, *Henri Wölfflin. Sa théorie. Ses prédécesseurs*, Hanna Levy já havia usado textos de Horkheimer: *Zum Rationalismusstreit in der gegenwärtigen Philosophie* (Zeitschrift für Sozialforschung, III, 1, 1934) e *Bemerkungen zur philosophischen Anthropologie* (Zeitschrift für Sozialforschung, IV, 1, 1935).

² É muito provável também que Hanna Levy conhecesse pessoalmente Leo Balet que, como ela, participou em 1937 do *Deuxième Congrès International d'Esthétique et de Science de l'art* em Paris. Além de ajudar Hanna Levy, Horkheimer também providenciaria cartas de recomendação para Max Raphael, mentor de Levy, e Leo Balet, na tentativa de ajudá-los a encontrar uma colocação em Nova York. Apesar da boa vontade, o Instituto encontra dificuldades em dar conta de todos os pedidos de ajuda que recebe, como deixa claro Horkheimer em carta a Georg Swarzenski de 8 setembro de 1941: "Würde es Ihnen möglich sein, uns einen Rat zu geben, was Herr Raphael am besten tun kann und würden Sie wohl gar selbst irgendeine Möglichkeit für ihn sehen und einmal mit ihm sprechen? Unser Institut, das durch Hilfsaktionen innerhalb der Emigration seit Jahren weit über die Grenzen seiner Möglichkeiten hinaus beansprucht ist, kann in diesem Fall unmöglich etwas tun, so gern wir es auch möchten" ["Você poderia nos dar alguns conselhos sobre o que o Sr. Raphael pode fazer melhor e você veria alguma oportunidade para ele e falaria com ele? Nosso instituto, que tem estado muito além dos limites de suas possibilidades durante anos por meio de esforços de socorro dentro da emigração, não pode fazer nada neste caso, por mais que desejemos"] (HEINRICHS, 1989, p. 421).

³ Como se poderia imaginar, a reação de Wölfflin à tese de Hanna Levy, que pode ser lida em carta de 3 de abril de 1941 que enviou a Joseph Gantner, foi bastante negativa: "Schrecklich, wenn man als alter Mann einer Hanna Levy in die Hände fällt, die mit dem Scharfsinn eines jüdischen Rechtsanwalts und dem Draufgängertum ihrer Jugend mein Buch zu Tode kritisiert, aber für das Wesentliche wenig Sensorium hat. Sie ist im Literarischen erstaunlich beschlagen, macht aber den Fehler, aus dem Titel zu schielessen, es handle sich um die Methode der ganzen Kunstgeschichte. Übrigens gesteht sie zu, dass ich in meiner 'Revision' ihre Haupteinwendungen schon vorausgenommen haben" ["Que coisa terrível quando um homem idoso cai nas mãos de uma Hanna Levy, que com a acuidade de um advogado judeu e o bravado de sua juventude critica meu livro até a morte, enquanto para as [questões] essenciais foi pouco sensível. É impressionante sua veia literária, mas comete o erro de tirar conclusões a partir do título, como se ele indicasse o método de toda a história da arte. Ela, aliás, admite que em minha revisão antecipei suas principais objeções"] (LURZ, 1981, p. 261, nota 420).

⁴ Em 1937, mesmo o Partido Comunista Francês se mostra hostil aos judeus, e passa a se opor à sua entrada na França. Ver MARRUS; PAXTON, 1995, p. 37.

⁵ No original: “Sehr geehrter Herr Professor! Mit gleicher Post erlaube ich mir, Ihnen ein Exemplar meiner Doctorarbeit über Heinrich Wölfflin und seine Vorgänger zuzusenden. Wie Sie sehen werden, schöpfte ich aus Ihren Artikeln in der Zeitschrift für Sozialforschung mannigfache Anregung; ich bitte Sie, meine Arbeit als Ausdruck der Dankbarkeit entgegennehmen zu wollen”. LEVY, Hanna. Carta a Horkheimer. Paris 28 nov. 1936; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002324> [acesso em: 20 jul. 2015].

⁶ No original: “Hat das Doktorat für Sie praktischen Nutzen? Gerne würde ich über Ihre ferneren wissenschaftlichen Pläne etwas von Ihnen hören”. HORKHEIMER, Max. Carta a Hanna Levy. New York 1 dec. 1936; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002323> [acesso em: 20 jul. 2015].

⁷ Sobre o pensamento de Horkheimer a respeito da questão judaica, desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial, ver RABINBACH, 2001, p. 186-187. Em 1939, logo após a deflagração da guerra, ensaia uma primeira explicação para o antissemitismo europeu no texto “Die Juden und Europa”.

⁸ LEVY, Hanna. Carta a Horkheimer. Paris 29 dez. 1936; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002322> [acesso em: 20 jul. 2015].

⁹ HORKHEIMER, Max. Carta a Hanna Levy. New York 11 jan. 1937; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002321> [acesso em: 20 jul. 2015].

¹⁰ No original: “Der amerikanische Konsul hat – trotz bedeutender materieller Bürgschaften von seiten eines Amerikaners – vorgestern die Ausstellung meines Visum abgelehnt und mir als einige Möglichkeit zur Einwanderung die Anforderung durch ein amerikanisches wissenschaftliches Institut genannt. Ich wusste nicht, wie ich mir eine solche beschaffen könnte [...]. Wie ich Ihnen schon schrieb, handelt es sich für mich zunächst darum, mir eine materielle Basis für mein weiteres Leben zu schaffen; vor allem aber möchte ich meine eben erst begonnene wissenschaftliche Arbeit fortsetzen. Sie kennen sicher die hiesigen Verhältnisse gut genug um zu wissen, dass das hier in Frankreich unmöglich ist”. LEVY, Hanna. Carta a Horkheimer. Paris 10 jan. 1937; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002320> [acesso em: 20 jul. 2015].

¹¹ HORKHEIMER, Max. Carta a Hanna Levy. New York 28 jan. 1937; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002319> [acesso em: 20 jul. 2015].

¹² A sólida amizade entre Horkheimer e Pollock é assim analisada por Abromeit (2011, p. 23): “In letters, they began referring to each other jokingly as the ‘ministre de l’interieur’ and ‘ministre de l’exterieur’, which meant that Pollock took care of external details so Horkheimer could devote himself fully to his intelectual pursuits. This symbiosis between Horkheimer and Pollock remained a constant throughout their long friendship, and became one of the cornerstones of the Institute for Social Research in later years”. É essa mesma dinâmica que podemos perceber nas trocas de cartas entre Horkheimer, Pollock e Hanna Levy aqui apresentadas.

¹³ No original: “Da ich einstweilen nicht im Stande bin, meiner Dankbarkeit anders als in Worten Ausdruck zu geben, möchte ich mir anur erlauben Ihnen zu wiederholen, was ich bereits Herrn Doctor Pollock sagte: seien Sie versichert, dass ich Alles tun werde, um das Vertrauen, welches Sie und Herr Doctor Pollock in mich setzen, zu verdienen und zu rechtfertigen.” LEVY, Hanna. Carta a Horkheimer. Paris 16 abr. 1937; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002318> [acesso em: 20 jul. 2015].

¹⁴ Dieter Strauss apresenta aqui, em linhas gerais, a política do Estado Novo com relação aos judeus: “Der Estado Novo schränkte mit allen Mitteln die Einwanderung von Juden ein. [...]. Später dann, als der Estado Novo sich auf die Seite der Alliierten stellen musste, wurde seine Politik den Juden gegenüber nicht freundlicher: Der Estado Novo bekämpfte nun gerade die Achsenmächte und wir, die deutschen und italienischen Juden, wurden mit ihnen identifiziert (...)” (CARNEIRO; STRAUSS, 1996, p. 28). [“O Estado Novo restringiu por todos os meios a imigração de judeus. [...]. Mais tarde, quando o Estado Novo teve que se aliar aos Aliados, sua política em relação aos judeus não se tornou mais amistosa: o Estado Novo estava agora lutando contra as potências do Eixo e nós, os judeus alemães e italianos, fomos identificados com eles”].

¹⁵ No original: “Verzeihen Sie mir, wenn dieser Brief dannach nicht ganz kurz sein wird; aber es ist schwer, vööligh sachlich und nüchtern zu schreiben mit den Bewusstsein, dass dieser Brief, oder vielmehr Ihre liebenswürdige Antwort darauf, über meine Zukunft entscheidet.” LEVY, Hanna. Carta a Pollock. Paris, 21 maio 1937; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002316> [acesso em: 20 jul. 2015].

¹⁶ LEVY, Hanna. Carta a Horkheimer. Paris 21 maio 1937; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002315> [acesso em: 20 jul. 2015].

¹⁷ LEVY, Hanna. Carta a Pollock. Paris 25 maio 1937; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002314> [acesso em: 20 jul. 2015].

¹⁸ No original: “Aber Sie werden gewiss verstehen, dass, nach Lage der Dinge, für mich jeder Tag des Wartens, Hoffens oder Handelns von Bedeutung ist”. LEVY, Hanna. Carta a Horkheimer. Paris 25 maio 1937; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002313> [acesso em: 20 jul. 2015].

¹⁹ No original: “Im Herbst läuft nämlich mein deutscher Pass ab, und ich habe schon einmal ein volles Jahr auf dessen Verlängerung warten müssen. [...]. Ihnen werde ich es zu verdanken haben, wenn ich in Absehbarer Zeit meine Arbeit so wieder aufnehmen darf, dass ich hoffen kann, sie wirklich zur Grundlage

auch meiner materiellen Existenz machen zu können. Im Augenblick habe ich nämlich, da sich mein hiesiges Dasein immer schwieriger gestaltete, eine Bürostelle angenommen, die mir für meine wissenschaftlich Arbeit (trotz der Vierzigstundenwoche) nicht viel Zeit übrig lässt. Da durch Ihre Hilfe aber die bedrückende Aussicht schwindet, dass die zu einem Dauerzustand werden könnte, denke ich, dass ich die verlorene Zeit schnell wieder einholen werde". LEVY, Hanna. Carta a Pollock. Paris 19 jun. 1937) <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002312> [acesso em: 20 jul. 2015].

²⁰ Hans Klaus Brill, secretário-geral do escritório de Paris do *Institut für Sozialforschung*.

²¹ No original: "Es berührt mich zutiefst, dass Sie mir nicht nur Ihre so grosszügige materielle Hilfe zuteil werden lassen, sondern sich auch noch in so eingehender Weise mit allen Einzelheiten befassen, die die Frage meiner Zukunft betreffen." LEVY, Hanna. Carta a Horkheimer. Paris 19 jun. 1937; <http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002311> [acesso em: 20 jul. 2015].

²² No original: "Da diese Summe mit dem von Ihnen angesetzten Betrag Übereinstimmt, darf ich wohl die schöne Hoffnung hegen, das Herr D. dank Ihrer Hilfe nun inzwischen vielleicht schon die ersten Schritte zur Beschaffung einer Chamada für mich unternehmen konnte." POLLOCK, Friedrich. Carta a Hanna Levy. 29 jun. 1937;

<http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002310> [acesso em: 20 jul. 2015].

²³ Levy, Hanna: Carta a Pollock. Paris, 12 jul. 1937;

<http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002309> [acesso em: 20 jul. 2015].

²⁴ No original: "Zwar kann ich nichts tun, als mich in meinen letzten Briefen an Sie und Herrn Doctor Pollock ständig zu wiederholen, wenn ich Ihnen meinen herzlichsten Dank für die Hilfe ausspreche, die Sie mir zuteil werden lassen. Aber da ich Ihnen ja gar nicht genug danken kann, so werden Sie es mich nicht verargen, wenn ich mich auch heute wieder an Sie wende, um Ihnen nochmals für dass mir bewiesene. Vertrauen und die tatkräftige materielle Hilfe von ganzem Herzen zu danken. Mein ganzes Streben geht dahin, mich dieses Vertrauens würdig zu erweisen. Empfangen Sie mit dieser Versicherung den Ausdruck meiner grössten Verehrung und die besten Grüsse." LEVY, Hanna. Carta a Horkheimer. Paris 12 jul. 1937;

<http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002308> [acesso em: 20 jul. 2015].

²⁵ "Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excellencia que, não obstante as recomendações desse Ministerio, continuam alguns srs. Consules do Brasil a visar passaportes estrangeiros israelitas [...]" (PINHEIRO MACHADO, 1937a).

²⁶ Souza Dantas chegaria a emitir de próprio punho, em 1940, centenas de vistos diplomáticos "irregulares". Cf. KOIFMAN, 2002.

²⁷ No original: "Hanna Levy glückliche ingere ist". POLLOCK, Friedrich. Telegrama para Horkheimer. Out. 1937;

<http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/6543195> [acesso em: 20 jul. 2015].

²⁸ No original: "Während des Krieges war es keine Lust, als Deutscher in Brasilien zu leben. Auch als Opfer des nationalsozialistischen Regimes war man verdächtig. Man durfte in verschiedenen Staaten nicht deutsch sprechen, durfte von seinen Sachen nichts verkaufen – was zur Existenz oft nötig war – und man durfte nicht fotografieren".

²⁹ No original: "Aber selbst von allen Zukunftsplänen abgesehen, die zu schmieden allerdings auch erlaubt scheinen, bin ich in der glücklichen Lage zusammenfassend sagen zu können, dass das Resultat meines nun bald einjährigen Aufenthaltes in Brasilien durchaus positif ist. [...]. Seite aus stellte man mir ausserdem eine Freifahrt nach dem Staat Minas Geraes zur Verfügung, um mir die Möglichkeit zu geben, über die dort befindlichen Werke eines "alten" brasilianischen Künstlers (1730-1814) zu arbeiten. Aber es bedarf nicht erst dieser Nachrichten, um mir zum Bewusstsein zu bringen, welches Glück ich hatte, dank Ihrer Hilfe noch grade vor Toresschluss (soweit es die jüdischen Einwanderer nach hier betrifft) in Brasilien einwandern zu können." LEVY, Hanna. Carta a Pollock. Rio de Janeiro, 8 set. 1938;

<http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/horkheimer/content/pageview/4002306> [acesso em: 20 jul. 2015]. Hanna Levy errou datilografou na carta o ano de 1937, provavelmente por engano, pois estava escrevendo em 1938, como fica claro ao longo do texto.

³⁰ Criado em 13 de janeiro de 1937, o SPHAN seria regulamentado em 30 de novembro do mesmo ano, poucas semanas após o golpe de 10 de novembro, que estabeleceria o regime ditatorial de Getúlio Vargas, o chamado Estado Novo.

³¹ Cf. LEVY, 1944.

Referências

ABROMEIT, John. Max Horkheimer and the foundations of the Frankfurt School. New York: Cambridge University Press, 2011.

ARANHA, Oswaldo. Circular n. 1498: Suspensão do visto em passaporte de israelitas. Rio de Janeiro, 6 jan. 1941.

BELOW, Irene. „Jene widersinnige Leichtigkeit der Innovation“. Hanna Deinhard's Wissenschaftskritik, Kunstsoziologie und Kunstvermittlung. In: HUDSON-WIEDENMANN, Ursula ; SCHMEICHEL-FALKENBERG, Beate. *Grenzen Überschreiten. Frauen, Kunst und Exil. Würzburg: Verlag Königshausen & Neumann, 2005, p. 151-180.*

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci ; STRAUSS, Dieter (Org.). *Brasil, um refúgio nos trópicos. A trajetória dos refugiados do Nazi-Fascismo.* Brasília, Fluchtort in den Tropen. Lebenswege der Flüchtlinge des Nazi-Faschismus. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Circular secreta n. 1127: Entradas de estrangeiros no território nacional (às Missões diplomáticas e consulados de carreira). Rio de Janeiro 7 jun. 1937.

HEINRICHS, Hans-Jürgen. Raphaels Erbe und die "International Max Raphael Society". In: Hans-Jürgen Heinrichs. "Wir lassen uns die Welt nicht zerbrechen". Max Raphaels Werk in der Diskussion. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989. p. 209-216.

KAPSNER, Claudia. Hanna Deinhard; http://www.kunstgeschichte.uni-muenchen.de/forschung/ausstellungsprojekte/einblicke_ausblicke/biografien/deinhard/index.html [Acesso em: 20 jul. 2012].

HEINRICHS, Hans-Jürgen. Max Raphael: Lebens-Erinnerungen. Briefe, Tagebücher. Skizzen. Essays. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989.

KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo.* Rio de Janeiro: Record, 2002.

Legação dos Estados Unidos do Brasil: Ofício n. 30. Varsóvia, 19 abr. 1937.

LEVY, Hanna: A propósito de três teorias sobre o barroco. In: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 5 (1941), p. 259-284.

LEVY, Hanna. *Henri Wölfflin. Sa théorie. Sés prédécesseurs.* Rottweil: Rothschild, 1936.

LEVY, Hanna: Henri Wölfflin. Sa théorie. Sés prédécesseurs. Thèse pour le doctorat soutenue devant la Faculté des Lettres. In: Annales de l'Université de Paris 3 (1937a), p. 282-286.

LEVY, Hanna: Modelos europeus na pintura colonial. In: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 8 (1944), p. 7-66.

LEVY, Hanna: Sur la nécessité d'une sociologie de l'art. In: Actes du Deuxième Congrès International d'Esthétique et de Science de l'art (1937b), p. 342-345.

LEVY, Hanna: Valor artístico e valor histórico: importante problema da História da Arte. In: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 4 (1940), S. 181-192.

LURZ, Meinhold. Heinrich Wölfflin, Biographie einer Kunsttheorie. Worms: Wernersche Verlagsgesellschaft, 1981.

MARRUS, Michael R.; PAXTON, Robert O. *Vichy France and the Jews.* Stanford: Stanford University Press, 1995.

PINHEIRO MACHADO, Dulphe. *Carta a Hidelbrando Accioly,* Secretário Geral das Relações Exteriores. Rio de Janeiro 17 nov. 1937a.

PINHEIRO MACHADO, Dulphe. Ofício. Departamento Nacional do Povoamento, Gabinete do Diretor Geral. Rio de Janeiro 13 apr. 1937b.

RABINBACH, Anson. In the Shadow of Catastrophe. German Intellectuals Between Apocalypse and Enlightenment. Los Angeles: University of California Press, 2001.

SALOMON, Alice. Das Kaiser- und Kaiserin-Friedrich-Kinderheim in Bornstedt. In: *Die Frau* 4 (1896), p. 179-182.

WENDLAND, Ulrike. Deinhard, Hanna. In: WENDLAND, Ulrike. *Biografisches Handbuch deutschsprachiger Kunsthistoriker im Exil,* Bd 1. München: K. G. Saur Verlag GmbH & Co., 1999, p.112.

Daniela Pinheiro Machado Kern

Professora Adjunta do PPGAV e do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. É coordenadora substituta do PPGAV, onde conduz a pesquisa *Hanna Levy: sua teoria, seus antecessores*. Líder do grupo de pesquisa CNPq *Arte e Historiografia*, é autora de *Tradição em paralaxe: a novíssima arte contemporânea sul-brasileira e as “velhas tecnologias”* (EdJuc, 2012) e traduziu para o português, entre outras obras, *O sentido de ordem* (Bookman, 2012), de E. H. Gombrich.